

FILHOS DE CLIO: A PRIMEIRA GERAÇÃO DE HISTORIADORES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS (UFAM)

CHILDREN OF CLIO: THE FIRST GENERATION OF HISTORIANS AT THE FEDERAL
UNIVERSITY OF

AMAZONAS (UFAM)

FÁBIO AUGUSTO DE CARVALHO
PEDROSA¹



Resumo

O curso de História da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) foi criado através da Resolução nº 003/80 de 14 de agosto de 1980, sendo autorizado a funcionar a partir do primeiro semestre de 1981. Sua criação se deu pela acertada justificativa de que existia uma carência de professores de História na educação básica, até então suprida por profissionais de outras áreas correlatas. A primeira geração de historiadores da UFAM, da qual fazem parte Francisco Jorge dos Santos, Geraldo Pantaleão Sá Peixoto Pinheiro, Vânia Maria Tereza Nova Tados, Patrícia Maria Alves de Melo, Síval Carlos Mello Gonçalves, Hideraldo Lima da Costa e Luiz Francisco Rodrigues Barreiro Bitton Telles da Rocha, e coordenada pelo professor José Ribamar Bessa Freire, foi responsável pela institucionalização do curso e pela renovação da História no Amazonas, produzindo trabalhos seminais para nossa historiografia. No presente artigo, através da articulação entre História e memória, foi reconstituída a trajetória desse grupo e foram analisadas suas produções acadêmicas, de forma a destacar sua importância para a pesquisa histórica amazonense.

Palavras-chave: Historiadores; UFAM; Historiografia.

Abstract:

The History course at the Federal University of Amazonas (UFAM) was created through Resolution No. 003/80 of August 14, 1980, and was authorized to operate from the first semester of 1981. Its creation was based on the correct justification that There was a shortage of History teachers in basic education, which until then had been supplied by professionals from other related areas. The first generation of historians at UFAM, which includes Francisco Jorge dos Santos, Geraldo Pantaleão Sá Peixoto Pinheiro, Vânia Maria Tereza Nova Tados, Patrícia Maria Alves de Melo, Síval Carlos Mello Gonçalves, Hideraldo Lima da Costa and Luiz Francisco Rodrigues Barreiro Bitton Telles da Rocha, and coordinated by the professor José Ribamar Bessa Freire, was responsible for the institutionalization of the course and the renewal of History in Amazonas, producing seminal works for our historiography. In this article, through the articulation between history and memory, the trajectory of this group was reconstructed and their academic productions were analyzed, in order to highlight their importance for Amazonian historical research.

Keywords: Historians; UFAM; Historiografia.

O curso de História da Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

¹ Possui graduação e mestrado em História pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM, lecionando no Curso Preparatório Paradigma. Tem experiência na área de História, com ênfase em História da Morte, atuando principalmente nos seguintes temas: ritos fúnebres, cemitérios e arte tumular. Administra desde 2013 o blog História Inteligente, onde são publicados textos de História do Amazonas.



Começo este artigo citando uma deliciosa crônica do professor José Ribamar Bessa Freire, publicada em 2021, durante as comemorações dos 40 anos do curso de História da UFAM, com o sugestivo título *Cadê os historiadores do Amazonas?* Corria o ano de 1977 quando a historiadora Maria Yedda Linhares, ao dirigir o Projeto de Levantamento das Fontes para a História da Agricultura do Norte-Nordeste (PLEFANN), soube que, no Amazonas, não poderia contar com uma equipe de acadêmicos de História dada a inexistência de um curso. “Não tem historiadores no Amazonas?”, indagou a professora. O professor Bessa, coordenador do projeto em nosso Estado, solucionou o problema reunindo pesquisadores dos cursos de Comunicação Social e Estudos Sociais (Freire, 2021).

A indagação e surpresa da professora Yedda não eram de se estranhar. Os primeiros cursos superiores de História, no Brasil, criados na Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade do Distrito Federal (UDF, atual UERJ), foram institucionalizados entre 1934 e 1935, respectivamente. Na região Norte, a Universidade Federal do Pará (UFPA) foi pioneira, criando seu curso de História em 1954. O Amazonas não possuía, de fato, historiadores de formação acadêmica, mas sim pesquisadores heurísticos formados em outras áreas e reunidos em torno do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA).

O projeto dirigido nacionalmente pela professora Maria Yedda e coordenado regionalmente pelo professor Bessa com o título *História Político Administrativa da Agricultura no Estado do Amazonas*, foi realizado entre 1977 a 1979. Sem historiadores. No entanto, no início de 1980, mais especificamente a partir de agosto, a História, no Amazonas, ganhou um novo capítulo.

O curso de História da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) foi criado por meio da Resolução nº 003/80 de 14 de agosto de 1980, integrado ao Departamento de Ciências Sociais, sendo autorizado a funcionar a partir do primeiro semestre de 1981, com o oferecimento de 30 vagas por ano. Participaram de sua fundação os professores Aloysio Nogueira de Melo, Edinea Mascarenhas Dias, Ana Amélia Bittencourt Vieira e Eloína Monteiro dos Santos.

Sua criação se deu pela acertada justificativa de que existia, no Amazonas, uma carência de professores de História na educação básica, suprida por profissionais de outras áreas correlatas (Curso, 2006, p. 07). A primeira turma teve trinta alunos, dos quais se formaram apenas quatro em 1984: Francisco Jorge dos Santos, Geraldo Pantaleão Sá Peixoto Pinheiro, Luís Antônio Lima Guedes e Olívia Gomes Osias.



No final de 1984, no dia 04 de dezembro, foi fundado o Centro Acadêmico Cultural de História do Amazonas – CACHA, que têm como princípios e finalidades a luta pela formação continuada, a defesa do ensino público, gratuito e de qualidade, do pluralismo de ideias e dos interesses e direitos dos discentes de História da UFAM (Estatuto, 2018).

Em 13 de dezembro de 1985, a Resolução nº 013/85 do CONSUNI – Conselho Universitário, possibilitou a separação do curso de História do Departamento de Ciências Sociais e a criação do Departamento de História, incorporado ao Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL), atual Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais (IFCHS). A criação do departamento teve como objetivos a "[...] melhoria do ensino, da pesquisa histórica, da extensão e para a formação de um corpo docente capacitado em seus diferentes níveis" (Curso, 2006, p. 07). Uma nova grade curricular foi estabelecida em 18 de dezembro de 1985 pela Resolução nº 050/85 do CONSEPE – Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão.

As turmas seguintes se formaram entre 1985 e 1986: Clélia Brasília Moraes Fontes, Jézia Maria Raiker Alves, Maria Suely Buriti de Moura, Maristela Libório de Lima, Patrícia Maria Alves de Melo, Síval Carlos Mello Gonçalves, Vânia Maria Tereza Novoa Tadros, Luiz Francisco Rodrigues Barreiro Bitton Telles da Rocha e Hideraldo Lima da Costa.



Figura 1 – Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro, Vânia Maria Tereza Novoa Tadros, Maria Luiza Ugarte Pinheiro, Patrícia

**Maria Alves de Melo, Geraldo Pantaleão Sá Peixoto Pinheiro e Hideraldo Lima da Costa.
Foto de 1985.**

Fonte: Acervo de Vânia Maria Tereza Novoa Tadros.



Das primeiras turmas, se tornaram professores do departamento, ainda na década de 1980, Francisco Jorge dos Santos, Geraldo Pantaleão Sá Peixoto Pinheiro, Vânia Maria Tereza Novoa Tadros, Patrícia Maria Alves de Melo, Síval Carlos Mello Gonçalves, Hideraldo Lima da Costa e Luiz Francisco Rodrigues Barreiro Bitton Telles da Rocha. O curso foi reconhecido pelo CNE-MEC – Conselho Nacional de Educação/Ministério da Educação através da Portaria n° 058 de 20 de fevereiro de 1989.

À época do reconhecimento as disciplinas ministradas e seus respectivos professores eram as seguintes: Aloysio Nogueira de Mello – História do Brasil IV; Eloína Monteiro dos Santos – Metodologia da História I e Teoria da História; Ana Amélia Bittencourt Vieira – História do Brasil I e História do Brasil II; Edinea Mascarenhas Dias – História do Brasil II e III; Francisco Jorge dos Santos – História Antiga; Geraldo Pantaleão Sá Peixoto Pinheiro – Metodologia da História e Pesquisa Histórica; Hideraldo Lima da Costa – História do Amazonas II e III; Luiz Francisco Rodrigues Barreiro Bitton Telles da Rocha – História da América III; Mareia Seroa da Motta Brandão – História Contemporânea I e II e História Moderna I e II; Maria Regina Celestino de Almeida – História da América I e II e Prática de Ensino em História; Patrícia Maria Alves de Melo – História Moderna II e Metodologia da História I e II; Síval Carlos Mello Gonçalves – Pré-História e História Medieval; e Vânia Maria Tereza Novoa Tadros – História da América II e Teoria da História (Parecer n° 1270/1988, p. 04-05).

A criação e institucionalização do curso de História da UFAM insere-se no contexto das mudanças que estavam ocorrendo no país com a redemocratização, cujos efeitos se espraiaram por diferentes instituições e áreas, destacadamente as universidades e a História. Deve-se destacar que a Fundação Universidade do Amazonas foi criada através da Lei Federal 4.069-A, de 12 de junho de 1962, no governo de João Goulart, sendo instalada em 17 de fevereiro de 1965 durante a Ditadura Militar. É uma entidade que se desenvolveu durante um regime de exceção.

A partir de 1980, com a abertura política, cursos de graduação e pós-graduação foram implementados e abordagens e métodos tradicionais passaram a ser revistos, questionados e outros foram criados (Dantas, 2017; Gomes, 2004). No lugar de grandes personagens e generalizações, as massas, os trabalhadores, as mulheres – os excluídos da História – ganharam espaço. A História Social, a História Cultural e a História das



Mentalidades deram vazão a novos temas e objetos de estudo. O profissional de História formado nos bancos das universidades não deveria mais ser apenas um professor formador, mas um professor e historiador munido de prática e teoria (Derossi, 2020; Ferreira, 2016).

Nesse sentido, a primeira geração de historiadores da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) reflete bem o ideário dessa época, engajada na transformação da pesquisa histórica no Amazonas, o que nos lembra, segundo Marc Bloch, citando um provérbio árabe, que "Os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais" (Bloch, 2001, p. 60).

E ao fazer recortes, enquadramentos, lidamos com a inclusão e a exclusão, a lembrança e o esquecimento. É delicado escrever sobre a história do curso de história. É necessário, dessa forma, deixar bem explicitados os critérios utilizados na demarcação. Neste artigo, que tem o título *Filhos de Clio: a primeira geração de historiadores da Universidade Federal do Amazonas (UFAM)*, considereirei como primeira geração aquela que se formou e começou a lecionar no curso ainda na década de 1980, lutando por sua institucionalização, formando a geração seguinte e produzindo os primeiros trabalhos que renovaram a historiografia amazonense.

José Ribamar Bessa Freire, mestre de gerações

O professor José Ribamar Bessa Freire foi responsável por iniciar a primeira geração na pesquisa histórica e na docência, organizando e coordenando a publicação de artigos e livros seminais de nossa historiografia. Professor normalista pelo Instituto de Educação do Amazonas (IEA), graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), especialista em Sociologie du Développement pelo Institut International de Recherche et de Formation en vue du Développement Harmonisé (IRFED), doutor em História pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) e doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), foi professor do curso de 1983 a 1987.

Temos uma dimensão de sua atuação como pesquisador e docente através dos relatos de seus ex-alunos. A professora Vânia Novoa Tadros, em uma carta a ele endereçada, registra que em 1983 ele "Havia chegado recentemente do doutorado em Paris, portando ideias inovadoras e cópias de documentos inéditos sobre a História do Amazonas. Com grande desprendimento dividiu o conteúdo das fontes históricas conosco



e iniciou-nos na pesquisa histórica" (Tadros, 2008). Militante engajado em causas sociais, perseguido pela Ditadura Militar, deixou em cada discente, como lembra o professor Síval Gonçalves, "o exemplo da indispensável conexão entre a vida e a atividade intelectual" (Gonçalves, 2021).

Com seus documentos e ideias, contribuiu decisivamente para que a História, no Amazonas, tomasse novos rumos. Certa feita, em entrevista ao jornal A Notícia, disse que "A grande contribuição da historiografia tradicional do Amazonas à história foi a criação de uma corrente que podemos denominar a História da Fofoca", descompromissada com a sociedade e sem qualquer tipo de reflexão sobre as trajetórias e lutas de homens e mulheres no tempo:

“Durante todo o tempo, os historiadores se preocupam em registrar quem nasceu e quando, que rua fez, ou pior, discutir e gastar laudas e laudas para saber qual era a cor original do Teatro Amazonas, deixando de lado o essencial que é o conhecimento do processo social da concepção política da história.”
(A Notícia, s. d.).

A fala do professor Bessa nos remete aos embates pela “autoridade da História”. Essas disputas são antigas. No passado, os polos irradiadores da pesquisa histórica eram os institutos históricos e geográficos, cujos membros, oriundos das elites política e econômica, tinham formações diversas da do historiador, como o Direito, a Geografia, a Medicina e outras áreas, ou mesmo não tinham uma formação acadêmica, mas sim notório saber. Com o surgimento dos cursos universitários de graduação e pós-graduação em História, o eixo transferiu-se para as academias. No caso do Amazonas, os cursos universitários de Geografia e História surgiram apenas na década de 1980. Até então, o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA), fundado em 1917, monopolizava esses dois campos do conhecimento.

A relação entre o meio universitário e o instituto, por esse motivo, foi bastante conflituosa. De um lado, a universidade (parte dela) não via com bons olhos a produção do conhecimento sem teorias e métodos e, em certa medida, de forma acrítica. Do outro, o instituto preferia manter-se distante de novas discussões e aportes teóricos, dificultando o acesso ao seu acervo. Nos últimos anos, no entanto, vêm ocorrendo mudanças nessa relação. Professores universitários passaram a fazer parte do instituto, inclusive da primeira geração de Historiadores da UFAM, e antigos membros do IGHA passaram a buscar a especialização em suas áreas de interesse.



Naquele período, além da luta pela renovação da História no Amazonas, lutava-se pelo reconhecimento do curso de História e a criação do Departamento de História. O professor Bessa, junto de seus discípulos, travou intensa luta institucional, indo à imprensa denunciar o descaso da universidade para com o curso, que funcionava com apenas quatro professores que realizavam cursos de extensão, palestras e seminários às próprias expensas. A vitória veio em 1985, com a criação do Departamento de História, do qual Bessa foi o primeiro chefe.

Durante quatro anos, lecionou na graduação as disciplinas História do Amazonas I e II, História da Cultura Amazonense, História da América II e Etnohistória. Na pós-graduação *Lato Sensu*, foi professor dos cursos de Demografia Amazônica e História da Amazônia Brasileira e Peruana. José Ribamar Bessa Freire é mestre de gerações, da primeira do curso de História da UFAM e de várias outras instituições como a Unirio, UFRJ, UFF e UFAC.

As saídas para a pós-graduação stricto sensu

Os historiadores da UFAM começaram a sair para fazer suas pós-graduações stricto sensu ainda na década de 1980. Seus mestrados e doutorados foram realizados em instituições de ponta, destacando-se a Universidade Federal Fluminense (UFF), a Universidade de São Paulo (USP) e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Sobre esse contexto de saídas para a pós-graduação, o professor José Ribamar Bessa Freire escreveu que “Nenhuma instituição começa a pesquisar do dia para a noite, como num passe de mágica. Requer investimentos. Faz-se necessário formar pesquisadores, o que demanda um certo tempo” (Freire, 1995).

Nesse sentido, a professora Francisca Sena Deusa da Costa, historiadora da segunda geração, relata que o Departamento de História realizou escalas de saídas e retornos. Cada professor sabia o seu ano de saída e o de retorno para a instituição, sendo esse um “compromisso coletivo”. A UFAM garantia aos docentes licença remunerada para realizarem a pós-graduação, e os pesquisadores também contavam com o apoio das agências de fomento, destacando-se a CAPES (Costa, 2025).

No Brasil, a pós-graduação começou a ser implementada em 1965 através do Parecer n°. 977/65, do Conselho Federal de Educação, sendo institucionalizada com a Reforma Universitária de 1968 (Falcon, 2013, p. 20). A UFF, a USP e a PUC-SP



possuíam cursos de História tradicionais, criados entre as décadas de 1930 e 1960, e programas de pós-graduação em História fundados na década de 1970 e reconhecidos pela excelência acadêmica.

O Programa de Pós-Graduação em História Social da USP foi criado em 1971. O Programa de Pós-Graduação em História da UFF foi fundado no mesmo ano. Em 1973 foi criado o Programa de Pós-Graduação em História da PUC-SP. Essas instituições continuavam cumprindo a função de lugares “por excelência da produção historiográfica” no Brasil, agora em nível stricto sensu (Falcon, 2013, p. 18).

Nossos historiadores foram orientados por pesquisadoras como Maria Yêdda Leite Linhares, Hebe Maria Mattos, Laima Mesgravis, Manuela Carneiro da Cunha, Maria Izilda Santo Matos, Maria Antonieta Martines Antonacci e Vânia Leite Fróes. O contato com essas instituições e professores foi de extrema importância em suas formações, não apenas para a obtenção de títulos, mas também por possibilitar um rico intercâmbio de saberes.

Perfis históricos e práticas historiográficas da primeira geração

Figura 2 – Luiz Francisco Rodrigues Barreiro Bitton Telles da Rocha, Vânia Maria Tereza Nova Tados, Francisco Jorge dos Santos e Geraldo Pantaleão Sá Peixoto Pinheiro. Foto de 1990.



Fonte: Acervo do Departamento de História.

Os membros da primeira geração de historiadores da UFAM seguiram caminhos distintos, mas com o objetivo em comum de renovar a historiografia amazonense. É



marcante a influência da História Social Inglesa, a "História vista de baixo" dos que se dedicam a "[...] explorar as experiências históricas daqueles homens e mulheres, cuja existência é tão frequentemente ignorada, tacitamente aceita ou mencionada apenas de passagem na principal corrente da história" (Sharpe, 1992, p. 41). Neste tópico veremos detalhadamente os perfis históricos e as práticas historiográficas desses historiadores e historiadoras que se lançaram nessa ambiciosa tarefa há mais de quatro décadas.

Francisco Jorge dos Santos é graduado em História pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), especialista em Demografia Amazônica pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) e doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Francisco Jorge é uma das maiores referências em História da Amazônia, dedicando-se ao estudo da História do Amazonas, da Amazônia Portuguesa, da Capitania de São José do Rio Negro, da História Indígena e do Indigenismo.

Na dissertação de mestrado *Guerras e Rebeliões Indígenas na Amazônia na Época do Diretório Pombalino (1757-1798)*, analisou as guerras e rebeliões das nações indígenas da Amazônia contra os portugueses na época do Diretório Pombalino, quando aldeamentos indígenas foram elevados à condição de vilas administradas por diretores, demonstrando que elas foram mecanismos de enfrentamento desses povos à ocupação da região e que eles não foram passivos ao processo, confrontando seus alçozes (Santos, 1995). O projeto de colonização portuguesa, suas contradições e particularidades nos confins da América Portuguesa são abordados na tese *Nos Confins Ocidentais da Amazônia Portuguesa: mando metropolitano e prática do poder régio na Capitania do Rio Negro no século XVIII* (Santos, 2012).

Geraldo Pantaleão Sá Peixoto Pinheiro (in memoriam) tinha graduação em Estudos Sociais pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), graduação em História pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e doutorado em História pela Universidade do Porto (U. Porto). Geraldo dedicou-se a estudar a História da Amazônia, com destaque para a Historiografia Afro-Brasileira, a História Indígena, a História da Imprensa e do Periodismo no Brasil. Sua tese de doutorado, *Imprensa, Política e Etnicidade: Portugueses letrados na Amazônia (1885-1937)*, é um alentado trabalho sobre jornais produzidos por imigrantes portugueses em Manaus e Belém, no qual analisa o papel desses periódicos dentro dessas comunidades como instrumentos políticos e construtores da identidade lusitana na região (Pinheiro, 2012).



Vânia Maria Tereza Novoa Tadros (in memoriam) tinha graduação em História pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), especialização em Demografia Amazônica pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), especialização em Gestão e Administração Universitária pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e mestrado em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). A professora Vânia Tadros enveredou pelo caminho da Antropologia, atuando em temáticas como circularidades, práticas comerciais e relações interétnicas. Muito de sua produção acadêmica, infelizmente, não está disponível ao público, mas o pouco que existe possibilita uma breve compreensão de sua prática historiográfica.

No artigo *A conveniência da imagem: J. G. Araújo e o exercício do poder econômico na Amazônia (1887-1940)*, investigou de forma pormenorizada a construção do império comercial do empresário português Joaquim Gonçalves Araújo e de sua autoimagem como forma de acesso a círculos comerciais e políticos (Tadros, 1995). Em outro, *Pode um ser humano temer a Antropologia Ecológica?*, discutiu o trabalho do antropólogo Walter Neves e sua perspectiva materialista sobre as sociedades humanas (Tadros, 2000). No artigo *A histórica resistência do Pajé*, escrito em coautoria com João Bosco Botelho, estudou a figura do Pajé enquanto alicerce das sociedades indígenas e suas estratégias de resistência contra a ação colonizadora, que desde o início tentava eliminá-lo e se apropriar de seus conhecimentos (Tadros, 2000).

Em suas pesquisas, a professora Vânia Tadros articulou História e Antropologia, duas áreas que, de acordo com o historiador Robert Darnton, após décadas de embates, estabeleceram “relações de boa vizinhança” (Darnton, 1996).

Patrícia Maria Alves de Melo é graduada em História pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), mestre em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). A professora Patrícia Melo se dedica desde a década de 1980 ao estudo das desigualdades, atuando nas áreas de História Indígena e do Indigenismo, História da ciência, Amazônia Colonial e Imperial, História da escravidão africana na Amazônia e do pós-abolição.

Sua dissertação de mestrado, *Os Fios de Ariadne: tipologia de fortunas e hierarquias sociais em Manaus, 1840-1880*, é um estudo ímpar que desconstrói a ideia difundida pela historiografia tradicional de que a presença negra teve pouca ou nenhuma importância na formação da região. Analisando inventários post-mortem e escrituras públicas, demonstrou que a mão de obra escrava, apesar de ser reduzida se comparada a outras regiões, foi fundamental na formação de fortunas em Manaus no século XIX, sendo



um fator determinante na construção de hierarquias sociais na Amazônia (Melo, 1993). Na tese *Espelhos Partidos: Etnia, Legislação e Desigualdade na Colônia. Sertões do Grão-Pará, c. 1755 – c. 1823*, estudou o processo de criação e implementação da legislação indigenista no Grão-Pará e como os indígenas elaboraram diferentes estratégias para garantir seus direitos, fazendo suas próprias leituras e se apropriando desse conjunto de leis (Melo, 2001).

Sínval Carlos Mello Gonçalves é graduado em História pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), mestre em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). O professor Sínval Gonçalves é um dos maiores medievalistas do país. Essa afirmação pode ser constatada a partir da leitura de sua larga produção e atuação em sala de aula.

Na dissertação *Tristão e Isolda: A Viagem da Paixão. O Imaginário do Amor no Século XII*, estudou as primeiras versões da história de Tristão e Isolda, publicadas na segunda metade dos século XII, centrado na análise do dualismo paixão-casamento e o imaginário ligado à corte e à floresta (Gonçalves, 1997). O imaginário também foi investigado na tese de doutorado *Na Medida do Impossível: O cavaleiro além da cavalaria nos romances de Chrétien de Troyes (1165-1191)*. Através do estudo da literatura arturiana do poeta e trovador francês Chrétien de Troyes, descortinou diferentes aspectos do imaginário da Baixa Idade Média e os modelos de sujeitos propostos em seus romances de cavalaria (Gonçalves, 2004).

Hideraldo Lima da Costa (in memoriam) tinha graduação em História pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-USP). O professor Hideraldo Costa dedicou quatro décadas de sua vida ao estudo da Amazônia, da História e Saúde, dos viajantes e da cidade.

Em sua dissertação *Cultura, Trabalho e Luta Social na Amazônia - Discurso dos viajantes, século XIX*, analisou os discursos dos viajantes naturalistas que passaram pela região no século XIX, identificando nos seus relatos aspectos do cotidiano, do trabalho e dos conflitos sociais em curso (Costa, 1995). Na tese *Questões à margem do encontro do velho com o novo: saúde e doença no paiz das Amazonas (1850-1889)*, defendeu que as políticas de povoamento da região foram acompanhadas pelo extermínio dos povos indígenas - sobretudo por doenças - e que as políticas de saúde pública implementadas no



século XIX, para além do saneamento, visavam o fortalecimento da população para a manutenção da integridade do território (Costa, 2002).

Luiz Francisco Rodrigues Barreiro Bitton Telles da Rocha é graduado em História pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), graduado em Direito pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), especialista em Direito Ambiental pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), especialista em Política e Tratamento de Arquivo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), especialista em IX Curso de Especialização/Organização de Arquivo pela Universidade de São Paulo (USP), especialista em Administração de Centros Culturais pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo (FGV – EASP) e mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Luiz Bitton pesquisa sobre a Amazônia, a Modernidade, veículos culturais e, principalmente, a iconografia. Na monumental dissertação *Práticas imagéticas nas retratações da Amazônia: séculos XVI, XVII e XVIII*, examinou um conjunto de imagens da região produzidas entre a expansão marítima europeia e o período iluminista, indo do fantástico ao científico, atribuindo a essa iconografia papel de destaque na construção do imaginário sobre a Amazônia (Rocha, 1999).

Trabalhos com sólida fundamentação teórica, metodológica e inovadores. Em ensaio sobre a *Questão social e historiografia no Brasil do pós-1980*, a historiadora Ângela de Castro Gomes registra que os acadêmicos daquela geração se dedicaram à investigação de movimentos sociais urbanos e rurais em que os protagonistas eram escravizados, libertos, artesãos e operários (Gomes, 2004, p. 159). Isso é bastante claro através da análise dos perfis históricos e práticas historiográficas dos historiadores da UFAM, com suas pesquisas sobre resistência indígena, o papel da escravidão e as sociabilidades de operários e imigrantes.

Os historiadores brasileiros da década de 1980, de Norte a Sul, além de preocuparem com a reconstituição das trajetórias daqueles que por séculos foram marginalizados, também de preocuparam com a função social do ofício do historiador, agora engajado na construção de uma sociedade capaz de refletir sobre seu tempo com base nas múltiplas experiências de homens e mulheres em diferentes temporalidades. O impacto dessas pesquisas foi muito bem registrado pelo professor José Ribamar Bessa Freire na crônica *A História vista de baixo*, publicada em 1995:



Nos últimos anos, a Universidade do Amazonas (UA) tem enviado seus professores para fazerem sua pós-graduação em diferentes centros do Brasil e até do exterior. Desta forma, trabalhos relevantes foram produzidos, em dissertações e teses, cobrindo os vários campos do conhecimento: medicina, engenharia, física, química, ciências sociais.

O Curso de História, por exemplo, começou a formar a primeira geração de pesquisadores em meados da década de 80. Dos alunos graduados, alguns dos quais se tornaram professores da própria UA, começaram a sair os primeiros mestres na década de 90.

No início do ano passado, na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, houve a defesa da dissertação de mestrado "Os fios de Ariadne - tipologia de fortunas e hierarquias sociais em Manaus: 1840-1880", elaborada por Patrícia Maria Melo Sampaio. Sua pesquisa foi aplaudida com entusiasmo pela orientadora Maria Yedda Linhares como uma contribuição original.

Agora foi a vez de Hideraldo Lima da Costa. Na semana passada ele apresentou a uma banca examinadora da PUC de São Paulo a sua pesquisa de mestrado "Cultura, Trabalho e Luta Social na Amazônia. Discurso dos viajantes - século XIX". Orientado por Maria Antonieta Martines Antonacci, obteve a nota máxima, além dos elogios e do reconhecimento de seus examinadores, o que certamente contribui para a consolidação de uma imagem positiva da qualidade da UA.

No dia 5 de dezembro próximo, outro ex-aluno e atual professor da UA estará apresentando na USP os resultados de sua pesquisa sobre a resistência indígena no sec. XVIII, depois de haver localizado importante documentação em arquivos do Rio de Janeiro e do Pará. Trata-se de Francisco Jorge dos Santos, o próximo a obter o título de mestre, que escreveu "Guerras e rebeliões indígenas na Amazônia na época do Diretório Pombalino (1757-1798)".

Por esse caminho estão transitando outros pesquisadores da UA: Geraldo Sá Peixoto Pinheiro e Vânia Tadros, ambos com pós-graduação em andamento na USP, o primeiro focando seu interesse sobre os jornais editados na Amazônia por imigrantes portugueses e a segunda registrando as relações interétnicas nos seringais.

Na PUC de São Paulo [...] Luís Bitton [...] analisa a iconografia da região [...] Na UFF, Sinval Gonçalves registra a consolidação dos estudos medievais na Amazônia. Todos eles fazem parte da nova safra de graduandos da UA a serem titulados [...]

Desta forma, a UA vai pouco a pouco se transformando num centro de pesquisa. Espera-se que as conclusões desses trabalhos rompam os muros da academia e se incorporem ao sistema de ensino, trazendo-nos uma visão mais rica de nossa história (Freire, 1995).

A Amazônia Colonial (1616-1798) e Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950)

Nada define melhor essa primeira geração de historiadores que o trabalho em equipe. E o elo dessa equipe, sem dúvida, foi o professor José Ribamar Bessa Freire. Em uma de suas crônicas, ele registra que "[...] todo mundo cresceu junto" (Freire, 1992).



Dessa união nasceram duas importantes obras da historiografia amazonense: *A Amazônia Colonial (1616-1798)* e *Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950)*.

A Amazônia Colonial (1616-1798) foi publicado inicialmente em forma de artigos para o jornal A Crítica com o título *A História da Amazônia contada pela Amazônia*. O professor Bessa Freire foi convidado pelo periódico para produzir material de estudo para os vestibulandos que trouxesse novas perspectivas sobre a História da Amazônia. A convite do professor, participaram da produção dos textos seis alunos dos últimos períodos do curso de História da UFAM: Geraldo Sá Peixoto Pinheiro, Francisco Jorge dos Santos, Hideraldo Lima da Costa, Patrícia Maria Alves de Melo, Vânia Novoa Tadros e Luís Boaes Maciel. O material foi publicado como livro em dezembro de 1984, sendo assinado pelo professor Bessa como coordenador e os cinco primeiros alunos como coautores (Freire, 2010). Atualmente está na 6ª edição, já esgotada.

Os autores buscaram produzir uma obra didática, acessível ao público acadêmico e aos estudantes do ensino básico, apresentando uma análise crítica – que no período era praticamente uma novidade, dada a predominância da historiografia tradicional e seu caráter laudatório da ação portuguesa – do processo de conquista, fixação, organização e desenvolvimento da região entre os séculos XVII e XVIII. Sobre esse aspecto, o editor José Maria Mendes o descreve como "Uma leitura alternativa para todo e qualquer estudioso da História regional que esteja saturado das visões mistificadoras, quer seja ele pesquisador, professor ou estudante de 1º e 2º graus" (Mendes, 1991). A passagem a seguir define bem a proposta:

“Um rio tinto de sangue: este poderia ser o título de um filme sobre a Conquista da Amazônia. Nas primeiras décadas, a partir de 1616, muitas batalhas foram travadas entre portugueses, holandeses, franceses e ingleses. No entanto, o vermelho que tingiu as águas barrentas do rio Amazonas não foi do sangue dos europeus, mas dos índios.” (Freire et al, 1991, p. 27).

Com pouco mais de 70 páginas, possui quatro capítulos: *A Pré-História e os descobrimentos (período de 10.000 anos até o século XVI)*, *Ocupação ou despovoamento da Amazônia?*, *Amazônia: 140 anos de escravidão* e *A Lusitanização da Amazônia*.

No primeiro capítulo é apresentado um roteiro sobre como estudar a Amazônia, os tipos de fontes primárias e onde encontrá-las; o processo de ocupação da região pelos indígenas, de onde e quando vieram, quantos eram, suas formas de vida e organização e o início do despovoamento com a colonização. O segundo trata do início da colonização, a instituição do trabalho compulsório e a resistência indígena. No terceiro, é analisada a



escravização dos indígenas e os conflitos entre os missionários e os colonos. O último é dedicado à política do Marquês de Pombal, o Diretório dos Índios e o Corpo de Trabalhadores. Ao final de cada capítulo são apresentadas leituras complementares, a cronologia dos períodos abordados e a bibliografia básica utilizada. Conta ainda com anexos intitulados *As Primeiras Imagens da Conquista*, um conjunto de textos dos cronistas Cristobal de Acuña, Frei Gaspar de Carvajal, Alonso de Rojas e Maurício de Heriarte.

O historiador Hélio Dantas considera essa obra a primeira de nossa historiografia que rompeu com os cânones de abordagens puramente economicistas, factuais e político administrativas (Dantas, 2017, p. 190). Conciso, permanece atual com seus questionamentos e considerações, principalmente a de que os "vencidos" resistiram por séculos à violência da colonização, utilizando diferentes formas de enfrentamento a esse processo.

Em 1979 o professor Bessa Freire deu início, com cerca de 33 alunos do curso de Comunicação Social da UFAM, a um projeto de inventariação de jornais editados no Amazonas entre 1851 e 1950, localizados nas hemerotecas do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA) e da Biblioteca Pública do Estado do Amazonas, criando um catálogo. Trabalharam na sistematização dos dados cinco alunos do curso de História: Francisco Jorge dos Santos, Vânia Maria Tereza Novoa Tadros, Patrícia Maria Alves de Melo, Geraldo Sá Peixoto Pinheiro e Luiz Francisco Rodrigues Barreiro Bitton Telles da Rocha. O livro *Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950)* foi publicado em 1987, sendo reeditado em 1990.

O objetivo dos historiadores foi produzir um catálogo que servisse de instrumento de trabalho a jornalistas, historiadores e pesquisadores de outras áreas, suprimindo uma demanda há muito reclamada. Não se trata apenas de um simples arrolamento, mas da análise detalhada de cada periódico, com informações sobre o título, subtítulo, tempo de existência, periodicidade, proprietários, diretores, redatores, colaboradores, número de páginas, preço, tiragem, colunas, formatos e cadernos (Freire, 1990).

A importância do catálogo é inegável quando se observa, passadas mais de três décadas, sua ampla utilização como base de um sem número de ensaios, artigos, monografias, dissertações, teses e livros. O professor Narciso Júlio Freire Lobo o considera uma iniciativa pioneira no campo da História da Imprensa no Amazonas (Lobo, 2002), opinião compartilhada pelas historiadoras Jordana Coutinho Caliri (Caliri, 2014) e Priscila Daniele Tavares Ribeiro (Ribeiro, 2014).



As primeiras semanas de História

A Primeira Semana de História foi realizada em setembro de 1986. O evento, que teve como tema *Como Ensinar História*, teve grande repercussão, contando com a participação de centenas de professores das redes municipal e estadual de ensino. Durante cinco dias foram realizados importantes debates sobre o ensino de História no Amazonas e os problemas da falta de documentação e incentivo à pesquisa.

No primeiro dia foi realizada a sessão solene de abertura, a elaboração de diagnósticos sobre o ensino de História no Amazonas e a apresentação dos relatórios das unidades de ensino. No segundo, pela manhã, as professoras Patrícia Maria Alves de Melo, Maria Regina Celestino de Almeida e o professor Hideraldo Lima da Costa ministraram um curso de *Metodologia da História*; o professor Geraldo Pantaleão Sá Peixoto Pinheiro deu o curso *A Questão do Ensino de História*; e o professor José Ribamar Bessa Freire ministrou o curso de *História do Amazonas*.

Posteriormente foi realizada a mesa redonda *Visão da História*, com representantes da SEDUC, SEMEC, IGHA, Biblioteca Pública, Arquivo Público, CEDEAM, Museu do Homem do Norte, Museu do Porto e Museu Tiradentes, sendo as debatedoras a professora Vânia Maria Tereza Novoa Tadros e o acadêmico Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro. Às 15 horas a professora Selda Valle da Costa apresentou o filme *No Paiz das Amazonas*, de Silvino Santos.

No terceiro dia representantes da SEDUC, Semec, o professor Francisco Jorge e os debatedores professora Patrícia Maria Alves de Melo e professor Geraldo Pantaleão Sá Peixoto Pinheiro apresentaram a mesa redonda *A Regionalização do Ensino*. Às 15 horas os representantes da SEDUC e da SEMEC estiveram à frente da mesa redonda *Os Currículos de 1º e 2º Graus*.

Na manhã do terceiro dia o professor José Ribamar Bessa Freire palestrou sobre *A Formação do Operariado no Amazonas, 1890-1920* e *O Que Mudou com a Criação da Província*. No quinto e último dia os professores Geraldo Sá Peixoto Pinheiro, Francisco Jorge dos Santos e Síval Carlos Mello Gonçalves realizaram o debate *Recuperação da Memória: Levantamento de Fontes Primárias para a História dos Municípios do Amazonas*.

A professora Vânia Tadros, então coordenadora de extensão do curso, disse o seguinte sobre como a História era vista pela sociedade, uma simples "matéria



decorativa", e como de fato ela deveria ser compreendida e ensinada: "Não é aprender história por história, mas saber que é uma ciência que tem a função social de transformar a sociedade" (Jornal do Commercio, 02/09/1986).

A segunda Semana de História, que teve como tema *Novos Horizontes*, foi realizada entre 28 de setembro e 02 de outubro de 1987. O principal objetivo dessa segunda edição foi o de reciclar professores de História do ensino básico através de cursos de metodologia e didática, mesas redondas, exposições e comunicações.

Conforme publicações do Jornal do Commercio, foram realizadas a comunicação *A Pesquisa Histórica do Departamento de História*, a mesa redonda *História da Medicina*, e os cursos *Manaus e o Processo de Modernização*, ministrado pela professora Ana Amélia Bittencourt Vieira e o professor Hideraldo Lima da Costa; *O Controle e a Organização da Força de Trabalho na Amazônia Colonial*, ministrado pelo professor José Ribamar Bessa Freire; *Métodos e Técnicas em História Local*, com a professora Maria Regina Celestino de Almeida; e *História Social do Trabalho*, ministrado pelas professoras Vânia Novoa Tadros e Patrícia Alves de Melo.

Sobre a importância dessa segunda edição, o professor Síval Carlos Gonçalves, coordenador, afirmou que "A nossa preocupação básica é a de conscientizar o historiador no sentido de não se restringir somente à história como ciência, pois que todas as ciências mantêm uma interligação entre si, haja vista que toda e qualquer ação humana pode vir a ter uma importância dentro da área de atuação da história" (Jornal do Commercio, 01/10/1987).

Considerações finais

Analisar trajetórias é uma tarefa árdua e delicada. E quando se trata de uma geração, um grupo tão distinto de pessoas, a operação demanda ainda mais cuidado na hora de se estabelecer critérios de seleção/exclusão, com o risco de se atingir vaidades e autoimagens que se supõe cristalizadas. Nesse breve artigo, que de forma alguma pretendeu esgotar o tema, tratei da geração responsável pelo encaminhamento das demais, que colheram os frutos de seu trabalho e puderam, com isso, dar seus próprios passos, mas sem esquecer suas origens.

Geraldo Pantaleão Sá Peixoto Pinheiro, Francisco Jorge dos Santos, Hideraldo Lima da Costa, Vânia Maria Tereza Novoa Tadros, Patrícia Maria Alves de Melo, Síval Carlos Mello Gonçalves e Luiz Francisco Rodrigues Barreiro Bitton Telles da Rocha.



Filhos de Clio. Os pioneiros, a primeira geração. Nomes indissociáveis quando se fala na criação e institucionalização do curso de História da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

A criação do curso de História da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) em 1981, reconhecido em 1989, está ligada às transformações políticas e sociais do país e à demanda existente por profissionais de História no ensino básico. A geração de pesquisadores que surgiu após a década de 1970 passou a refletir sobre seu papel social e as possibilidades que surgiam com a abertura política e a expansão dos cursos de graduação e pós-graduação.

A História praticada até então era predominantemente política, economicista, administrativa e laudatória dos "feitos" dos colonizadores, políticos e heróis, atendendo aos interesses das elites. Na Europa e, no Brasil, nas regiões Sudeste e Sul, floresciam os debates sobre novos métodos, abordagens, temas e objetos de estudo. Os excluídos da História, a cultura e as mentalidades ganharam espaço, tendo início um novo momento da historiografia brasileira.

No Amazonas, a renovação da pesquisa histórica, processo constante, foi iniciada pelo grupo de historiadores aqui analisado, sob coordenação do professor José Ribamar Bessa Freire, como se depreende através da leitura de seus perfis históricos, práticas historiográficas e das obras *A Amazônia Colonial (1616-1798)* e *Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950)*. Seus trabalhos, influenciados pela História Social Inglesa, revelaram uma outra Amazônia, marcada por lutas e resistências, em que indígenas, escravizados, imigrantes, mulheres e operários são os protagonistas da História.

Em memória de:
Geraldo Pantaleão Sá Peixoto Pinheiro
Vânia Maria Tereza Novoa Tadros
Hideraldo Lima da Costa

Data de Submissão: 18/08/2024

Data de Aceite: 22/02/2025

Referências

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.



BOTELHO, João Bosco; TADROS, Vânia Maria Tereza Novoa. A histórica resistência do Pajé. **Amazônia em Cadernos**, n. 6, jan/dez, 2000.

CURSO de Licenciatura Plena em História – Projeto Pedagógico. Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Ciências Humanas e Letras, Departamento de História, 2006.

COSTA, Hideraldo Lima da. **Cultura, Trabalho e Luta Social na Amazônia – Discurso dos viajantes, século XIX**. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1995.

COSTA, Hideraldo Lima da. **Questões à margem do encontro do velho com o novo mundo: saúde e doença no Paiz das Amazonas (1850-1889)**. Tese (Doutorado em História). PUC-SP, São Paulo, 2002.

COSTA, Francisca Sena Deusa da. **Entrevista**. Manaus, 13/02/2025.

CALIRI, Jordana Coutinho. **Folhas da Província: a Imprensa Amazonense durante o período imperial (1851-1889)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

DARNTON, Robert. História e antropologia (entrevista). **Boletim da ABA**, n. 26, setembro de 1996.

DANTAS, Hélio da Costa. Pesquisa Histórica no Amazonas: Uma Breve Análise. **Jamaxi**, UFAC, v.1, n.1, 2017.

DEROSSI, Caio Corrêa. Histórico dos cursos superiores de História e da formação dos professores de História no Brasil (1931-1998). **Gavagai**, Erechim, v. 7, n. 1, p. 84-103, jan./jun. 2020.

ESTATUTO do Centro Acadêmico Cultural de História do Amazonas – CACHA. Manaus, 2018.

FALCON, Francisco. História e memória: origens e desenvolvimento do programa de pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense. **Hist. historiogr.** Ouro Preto, n. 11, abril 2013, p. 15-32.

FERREIRA, Marieta. O ensino de História, a formação de professores e a Pós-Graduação. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 23, n. 44, p. 21-49, dez. 2016.

FREIRE, José Ribamar Bessa (coord); PINHEIRO, Geraldo Pantaleão Sá Peixoto; TADROS, Vânia Maria Tereza Novoa; SANTOS, Francisco Jorge dos; SAMPAIO, Patrícia Maria Melo; COSTA, Hideraldo Lima da. **A Amazônia Colonial (1616-1798)**. 5º ed. Manaus: Editora Metro Cúbico, 1991.

FREIRE, José Ribamar Bessa; SANTOS, Francisco Jorge dos; PINHEIRO, Geraldo Pantaleão Sá Peixoto; ROCHA, Luiz Francisco Rodrigues Barreiro Bitton Telles da; SAMPAIO, Patrícia Maria Melo; TADROS, Vânia Maria Tereza Novoa. **Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950)**. 2º ed. Manaus: Editora Calderaro, 1990.



FREIRE, José Ribamar Bessa. **Alma penada, rabilonga e crocoió no vestibular.** 27/04/1992. Site Taquiprati. Disponível em: <https://www.taquiprati.com.br/cronica/590-alma-penada-rabilonga-e-crocoio-no-vestibular>

FREIRE, José Ribamar Bessa. **A História vista de baixo.** 24/11/1995. Site Taquiprati. Disponível em: <https://www.taquiprati.com.br/cronica/444-a-historia-vista-de-baixo>

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Cadê os historiadores do Amazonas?** 16/05/2021. Site Taquiprati. Disponível em: <https://www.taquiprati.com.br/cronica/1581-cade-os-historiadores-do-amazonas>

GOMES, Ângela de Castro. Questão social e historiografia no Brasil do pós-1980: notas para um debate. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n° 34, julho-dezembro de 2004, p. 157-186.

GONÇALVES, Síval Carlos Mello. **Tristão e Isolda: A Viagem da Paixão.** O Imaginário do Amor no Século XII. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 1997.

GONÇALVES, Síval Carlos Mello. **Na Medida do Impossível: O cavaleiro além da cavalaria nos romances de Chrétien de Troyes (1165-1191).** Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2004.

GONÇALVES, Síval Carlos Mello. **Homenagem do Departamento de História – José Ribamar Bessa Freire.** 2021.

LOBO, Narciso Júlio Freire. Entre as décadas de 1920-1930: três momentos da imprensa no Amazonas com *Redenção, Equador e A Selva*. **XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Salvador/BA – 2002.

MELO, Patrícia Maria Alves de. **Os Fios de Ariadne:** tipologia de fortunas e hierarquias sociais em Manaus, 1840-1880. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 1993.

MELO, Patrícia Maria Alves de. **Espelhos Partidos:** Etnia, Legislação e Desigualdade na Colônia. Sertões do Grão-Pará, c. 1755 – c. 1823. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2001.

MENDES, José Maria. Nota do editor. In: FREIRE, José Ribamar Bessa (coord); PINHEIRO, Geraldo Pantaleão Sá Peixoto; TADROS, Vânia Maria Tereza Nova; SANTOS, Francisco Jorge dos; SAMPAIO, Patrícia Maria Melo; COSTA, Hideraldo Lima da. **A Amazônia Colonial (1616-1798)**. 5° ed. Manaus: Editora Metro Cúbico, 1991.

PINHEIRO, Geraldo Pantaleão Sá Peixoto. **Portugueses letrados na Amazônia:** Imprensa, política e etnicidade (1885-1937). Tese (Doutorado em História) - Universidade do Porto, 2012.

PARECER n° 1270/1988 – Reconhecimento do Curso de História – Licenciatura Plena.



ROCHA, Luiz Francisco Rodrigues Barreiro Bitton Telles da. **Práticas imagéticas nas retratações da Amazônia: séculos XVI, XVII e XVIII** – Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

RIBEIRO, Priscila Daniele Tavares. **Do burgo podre ao leão do norte: o Jornal do Commercio e a modernidade em Manaus (1904-1914)** - Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

SHARPE, Jim. A História vista de baixo. In: BURKE, Peter. **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Edunesp, 1992.

SANTOS, Francisco Jorge dos. **Guerras e Rebeliões Indígenas na Amazônia na Época do Diretório Pombalino (1757-1798)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

SANTOS, Francisco Jorge dos. **Nos Confins Ocidentais da Amazônia Portuguesa: mando metropolitano e prática do poder régio na Capitania do Rio Negro no século XVIII**. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012.

TADROS, Vânia Maria Tereza Novoa. A conveniência da imagem: J. G. Araújo e o exercício do Poder econômico na Amazônia (1887-1940). **Paper datilografado**. São Paulo: USP, 1995.

TADROS, Vânia Maria Tereza Novoa. Pode um ser humano temer a Antropologia Ecológica? **Amazônia em Cadernos**, n. 6, jan/dez, 2000.

TADROS, Vânia Maria Tereza Novoa. Ao mestre, com gratidão. In: FREIRE, José Ribamar Bessa. **Cartas de Manaus e Paris: Vânia e Marilza**. 17/09/2008. Site Taquiprati. Disponível em: <https://www.taquiprati.com.br/cronica/66-cartas-de-manaus-e-paris-v>